

O início do trabalho

Capítulo 10

Ao final da viagem, na qual visitaram a propriedade de João Cassalho Filho, no município de Lourdes-SP, 'seu' Antônio e dona Aurora pediram ao extensionista Jair que lhes ajudasse, pois agora estavam convencidos do rumo a tomar. Gostariam de conhecer também outras propriedades, já que esta visita havia dado alguns sinais sobre o caminho a ser trilhado.

Passados alguns dias, o técnico, que agora fazia parte do tal projeto que utiliza uma propriedade como sala de aula, foi até o Sítio Esperança para conversar sobre o assunto. Explicou para 'seu' Antônio e dona Aurora que, como acontece em qualquer trabalho, eles teriam direitos e deveres. Enquanto 'seu' Antônio quis saber o que receberia, sua esposa preferia iniciar a conversa pelas obrigações. Jair atendeu à solicitação de dona Aurora.

"A primeira obrigação é que a propriedade selecionada, no caso, o Sítio Esperança, deverá estar sempre à disposição para receber visitantes, seja da localidade, do município, da região, de outros Estados brasileiros, e até mesmo do exterior, e que durante a visita nada fosse ocultado, nem os fatos positivos nem os negativos da trajetória", explicou Jair. Dona Aurora olhou para seu marido e, simultaneamente, como ensaiados, movimentaram a cabeça para cima e para baixo, dando sinal verde para a continuação da conversa.

"O segundo dever – continuou Jair – é fazer sempre o que for combinado, ou seja, o que for acertado ou acordado entre vocês, eu e o professor coordenador do trabalho. Se vocês não concordarem com alguma proposta de serviço a ser realizado ou sugestão de compra de algum insumo, equipamento ou animal, manifestem-se, porque se vocês não falarem nada, significa que concordaram, e aí o combinado vai ter de ser cumprido". 'Seu' Antônio abriu um pequeno sorriso e comentou que tinha gostado dessa obrigação: "Quer dizer que não vou ser obrigado a fazer o que vocês mandarem?", disse a Jair, que confirmou: "De forma alguma, 'seu' Antônio, o senhor só estará obrigado a fazer o que for acertado entre nós".

O técnico aproveitou o momento e exemplificou, de uma maneira um tanto esdrúxula, o que estava querendo dizer. "Imaginem que eu propusesse cortar uma das patas de cada vaca do sítio, para, quem sabe, diminuir a compactação do solo em 25%, e o senhor concordasse com isso. Na minha próxima visita, as vacas deveriam estar to-

das com 'tripés'. "Mas isso é um absurdo", disse, indignado, 'seu' Antônio. "Eu nunca concordaria com uma maldade dessas", concluiu.

"Também acho. É isso o que eu e o professor vamos querer de vocês no trabalho: jogo limpo, lealdade o tempo todo. Se não concordar com a proposta, fale, argumente, discuta, altere-a até chegarmos a um consenso, a um acordo. Entretanto, se a sugestão de tarefa for aceita por todos, deverá ser cumprida, sob pena de o produtor ser eliminado do projeto", sentenciou Jair. "Não vai haver paternalismo,



nem ninguém vai ficar passando a mão na cabeça de nenhum produtor, achando que é um coitadinho. Combinou, está combinado, e o serviço será executado", concluiu, de forma clara, dura e seca.

"Para garantir que nada do que for acordado seja esquecido, o professor, eu e vocês deveremos anotar as tarefas combinadas, e ninguém poderá alegar esquecimento", completou Jair. Dona Aurora sorriu e disse ao Jair que ele estava certo, que precisa anotar mesmo, porque seu marido vivia esquecendo as coisas. 'Seu' Antônio quis saber que tipo de ano-

tação seria essa. Jair explicou que era algo simples, por exemplo: área de pastagem a ser dividida e em quantos piquetes, variedade de cana a ser plantada, vaca a ser descartada etc.

"A terceira obrigação", continuou Jair, "é também uma das contrapartidas a que o proprietário terá direito, por permitir que sua propriedade seja utilizada como sala de aula. O rebanho será avaliado quanto à presença de duas doenças perigosas no rebanho, por poderem ser transmitidas às pessoas: brucelose e tuberculose. O custo desses exames ficará sob minha responsabilidade. Terei de arrumar o dinheiro para isso; faz parte dos meus deveres", disse, demonstrando que também teria obrigações a cumprir no projeto.

"Caso exista uma ou mais vacas positivas no rebanho, deverão ser eliminadas. O produtor poderá até se recusar a descartá-las, mas nesse caso, a propriedade será excluída do projeto. Num trabalho como esse, não podemos admitir a presença de animais doentes", explicou o técnico. Aproveitando a oportunidade do assunto, ele desabafou: "Na verdade, nenhum produtor de leite deveria admitir e nem sequer pensar na hipótese de produzir um alimento que possa trazer algum problema para as pessoas. É uma questão de consciência, e que não tem nada a ver com nível cultural, condição social ou com a situação econômica do produtor. Isso significa poder, na hora de dormir, deitar a cabeça no travesseiro e descansar tranquilo, sabendo que cada um fez a sua parte".

Aproveitando o silêncio gerado por suas palavras, continuou: "Alegar, como muitos fazem, desconhecimento do problema, nos dias de hoje, é no mínimo ofender a nossa inteligência. Alegar que o laticínio não paga nada a mais pelo fato de o seu leite estar livre dessas doenças é ser individualista e mercenário, não se importando com as crianças e idosos que irão consumi-lo. Alegar que o problema é da cooperativa, a partir do instante em que o caminhão retirou o seu leite da propriedade, é repetir Pôncio Pilatos".

"E a quarta obrigação?", perguntou, ansioso, 'seu' Antônio.

A cada mês, Balde Branco publica um capítulo de Sítio Esperança, texto de autoria de Artur Chinelato de Camargo, pesquisador da Embrapa Pecuária Sudeste, de São Carlos-SP. A semelhança com pessoas, situações ou contextos encontrados em nosso meio rural não é mera coincidência.